PAULITO DAGEN ROER

Atrás da última proposição

Atrás da Última Proposição

Ficção Existencialista e Minimalista

PAULITO DAGEN ROER

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou distribuída, por qualquer meio, sem autorização do autor, ressalvadas as exceções previstas em lei.
© 2026 Paulito Dagen Roer

SUMÁRIO

O Homem da Varanda – pág. 1

O Monólogo Médico e a Linguagem do Corpo – pág. 19

O Jargão Tecnológico e o Confronto com a Matéria – pág. 33

A Retórica Política e o Eco do Vazio – pág. 51

O Tagarela Digital e a Pane Elétrica – pág. 63

A Cortesia Falsa e a Verdade da Dor – pág. 77

O Monólogo Acadêmico e o Olhar da Natureza – pág. 87

A Mentira Compulsiva e a Escuta de uma Criança – pág. 97

O Falatório de Culpa e o Ritual do Fogo – pág. 111

A Vertigem Jurídica e o Silêncio da Pedra no Inverno – pág. 123

A Murmuração Constante e o Som do Mar – pág. 137

O Monólogo do Fim e o Espelho do Nada – pág. 147

Epílogo – pág. 163

Nota do Autor – pág. 167

I

O Homem da Varanda

A cerca tinha dado trabalho.

Não tanto pela cerca.

O homem demorara porque o primeiro arame estava ruim e porque o palanque da ponta tinha cedido um pouco para dentro, coisa pequena, mas que ele não gostava de deixar assim. Tirou o arame velho, cavou de novo, apertou a terra com o calcanhar, escolheu outra madeira. Depois veio o esticador. A mão escorregou uma vez.

— Quase que entra na carne.

O velho não respondeu.

Estava na cadeira de balanço, um pouco afastado da parede, aonde ainda chegava o resto do sol. Fumava o cigarro de palha entre os dedos. Não parecia dormir. Também não parecia esperar nada.

O homem sentou-se na outra cadeira.

— Mas ficou boa.

O velho olhou para a frente.

— Ficou firme.

Nada.

O homem passou a mão na calça, limpando uma poeira que não estava ali.

— Porque cerca é assim. Se não fizer direito, depois dá problema. O boi acha um lugar mais fraco e pronto. Passa.

O velho tragou o cigarro.

— Aquele boi do vizinho é danado. Você lembra dele? Marrom. Grande. Aquele ali não perde uma oportunidade.

O velho soltou a fumaça devagar.

O homem esperou.

— Quase entrou hoje.

A cadeira de balanço rangeu.

— Quase.

O homem sorriu.

— Mas comigo não.

O velho não sorriu.

A tarde estava descendo atrás do pasto. Uma mosca pousou

no braço do homem e ele a espantou.

— Eu falei para o vizinho. Se ele não cuidar daquele gado, qualquer hora vai ter prejuízo.

Nada.

— Mas também não adianta falar. Tem gente que só aprende quando acontece.

O homem ajeitou-se na cadeira.

— Eu mesmo já falei.

O velho continuou olhando para o pasto.

— Umas três vezes.

A palavra ficou sozinha.

Três vezes.

O homem esperou novamente.

Talvez o velho não tivesse ouvido.

— Três.

O velho levou o cigarro à boca.

O homem olhou para a estrada.

— O senhor viu o tamanho daquele boi?

Não houve resposta.

— Grande.

Esperou.

— Grande mesmo.

A cadeira rangeu.

O homem inclinou-se para a frente.

— Deve ter umas...

Parou.

— Umas vinte arrobas.

O velho permaneceu imóvel.

— Vinte e poucas.

Uma pausa.

— Talvez trinta.

Agora ele mesmo não acreditou.

— Não. Trinta não.

Olhou para o velho.

Nada.

— Não tinha trinta.

Passou a mão no queixo.

— Vinte e cinco, talvez.

O velho tirou o cigarro da boca.

O homem percebeu o gesto, mas não soube o que esperar dele.

O velho apenas bateu a cinza na borda da varanda.

— E o arame era novo — disse o homem.

O velho voltou a fumar.

— Novo.

O homem olhou para as próprias mãos.

Havia um pequeno corte no dedo indicador.

— Isso aqui foi ele.

Olhou o corte.

— O arame.

Não disse mais nada por alguns segundos.

O grilo começou.

Primeiro um.

Depois outro, mais longe.

O homem recostou-se.

— Meu pai fazia cerca melhor.

A frase saiu sem intenção.

Ele olhou para o velho.

— Quer dizer...

Parou.

— Fazia de outro jeito.

O velho não se mexeu.

— Não tinha essas ferramentas.

Silêncio.

— Nem precisava.

O homem esfregou o corte com o polegar.

— Ele sabia.

A palavra saiu baixa.

Sabia.

Não sabia o quê.

O homem procurou alguma coisa no pasto.

— Meu pai...

Parou de novo.

— O senhor lembra dele?

O velho virou o rosto.

Não para ele exatamente.

Para a estrada.

Depois voltou ao horizonte.

O homem esperou uma resposta.

Ela não veio.

— Lembra.

Não era pergunta.

Ele baixou a cabeça.

— Faz tempo.

O cigarro do velho estava quase no fim.

— Dez anos.

O homem disse isso como se tivesse contado errado.

— Dez?

Olhou para a casa.

— Dez anos já.

O grilo continuava.

— Parece menos.

Depois:

— Parece mais.

O velho esmagou o cigarro entre os dedos.

O homem ouviu o pequeno estalo da palha.

— A terra o comeu.

O velho levantou os olhos.

Dessa vez olhou diretamente para o homem.

Não disse nada.

O homem desviou.

— Quer dizer...

Não encontrou o que dizer.

— Foi enterrado lá embaixo.

Apontou vagamente.

— No cemitério.

A palavra "cemitério" pareceu grande demais para a varanda.

Ele se mexeu na cadeira.

— O senhor fuma muito.

O velho sorriu de leve.

Era a primeira coisa que parecia uma resposta.

O homem sorriu também.

— Meu pai fumava.

A noite começou.

Primeiro a estrada desapareceu.

Depois o pasto.

Depois a cerca nova.

Só restou uma faixa mais clara onde o céu ainda guardava o dia.

O homem puxou o ar pelo nariz.

Sentiu cheiro de terra.

Fumaça.

Capim.

Alguma coisa cozinhando dentro da casa.

— Tem feijão?

O velho não respondeu.

— Deve ter.

Ele ouviu o próprio estômago.

— Estou com fome.

A mão foi ao corte.

— Arame filho da mãe.

Olhou para o dedo.

O sangue tinha secado.

— Aquele primeiro arame estava ruim.

Silêncio.

— Se tivesse usado ele...

Parou.

— Mas não usei.

A frase não precisava existir.

Mesmo assim existia.

O homem ficou olhando para o próprio sapato.

A bota apertava o calcanhar esquerdo.

Ele a mexeu.

— Essa bota está apertada.

O velho continuou olhando para a noite.

— Preciso trocar.

Depois:

— Amanhã.

A palavra ficou entre os dois.

Amanhã.

Amanhã tinha a cerca do fundo.

Tinha o vizinho.

Tinha que buscar sal.

Tinha que ver o telhado.

Tinha a bota.

Tinha o boi.

— Amanhã eu...

Parou.

A frase não veio.

Ele esperou que viesse.

Nada.

Tentou outra:

— O vizinho precisa...

Nada.

O grilo.

Outro.

Um cachorro latiu muito longe.

O homem olhou para o velho.

O velho já tinha fechado os olhos.

Não dormia.

Ou dormia.

Era impossível saber.

O homem começou a balançar a cadeira com o pé.

Para frente.

Para trás.

Para frente.

Para trás.

A madeira rangia.

Ele parou.

O silêncio ficou maior.

A respiração.

Só isso.

Inspirou.

Soltou.

Inspirou novamente.

O peito parecia pesado.

Pensou no arame.

Depois no sangue.

Depois nas mãos do pai.

Mãos grandes.

Ou não tão grandes.

A unha do polegar quebrada.

Um anel.

Não.

O pai não usava anel.

Usava?

A cozinha.

Feijão.

Fumaça.

Aroeira.

O pai dizendo alguma coisa sobre madeira.

Não lembrava.

Tentou lembrar.

Quanto mais tentava, menos vinha.

Só o cheiro.

Fumaça.

Terra molhada.

O braço do pai.

A camisa.

Azul?

Não.

Era outra.

Azul era a camisa que ele usava quando...

Quando o quê?

O homem fechou os olhos.

Abriu.

A noite estava ali.

Sem resposta.

Sem história.

Sem ninguém para confirmar se aquilo tinha acontecido daquele jeito.

O velho respirava.

Ele também.

O coração bateu mais forte.

Uma vez.

Outra.

Ele levou a mão ao peito.

Não havia nada.

Apenas o coração.

Ficou com a mão ali.

Depois tirou.

Olhou para o velho.

Nada.

Olhou para a estrada.

Nada.

Olhou para a cerca.

Nada.

A cerca estava lá.

Firme.

O arame novo brilhava apenas onde a última claridade ainda conseguia alcançá-lo.

O homem pensou que havia feito um bom trabalho.

Pensou isso.

E não sentiu necessidade de dizer.

Ficou surpreso.

A cadeira de balanço rangeu atrás dele.

O velho se mexeu.

— Está frio — disse o homem.

O velho puxou o xale sobre os ombros.

O homem ficou.

Não havia mais nada para contar.

O grilo continuava.

A respiração.

O escuro.

A cerca.

O homem.

A noite.

Por algum tempo, nenhum deles falou.

Depois o homem percebeu que já não sabia se estava esperando alguma coisa.

E, pela primeira vez naquela tarde, isso não lhe pareceu um problema.

II

O Monólogo Médico e a Linguagem do Corpo

O médico falava depressa.

Não porque estivesse com pressa.

Falava depressa porque sabia.

Ou porque precisava parecer que sabia.

A mãe permanecia de pé junto à maca.

O filho dormia.

Ou parecia dormir.

Havia fios.

Um monitor.

Uma tela.

Uma pequena luz verde piscando em intervalos regulares.

— O quadro apresenta uma alteração neurológica importante, mas precisamos considerar a possibilidade de um comprometimento transitório da atividade cortical associado ao processo inflamatório. A ressonância mostra uma área que merece acompanhamento, principalmente

pela topografia da lesão e pela possibilidade de edema circundante...

Ela olhava para o filho.

Depois para o médico.

Depois para o filho.

— Ele está com dor?

O médico parou por menos de um segundo.

— Não há sinais objetivos de dor neste momento.

Ela olhou novamente.

O menino tinha os olhos fechados.

Uma das mãos estava aberta sobre o lençol.

— Ele está sentindo?

— A avaliação da resposta sensorial está prejudicada pelo estado de consciência. Precisamos aguardar uma evolução clínica mais definida.

Ela assentiu.

Não tinha entendido.

Mas assentiu.

O médico aproximou-se da tela.

— Veja aqui.

Ela olhou.

Não viu nada.

Uma mancha.

Cinza.

Outra mancha.

— Essa região corresponde ao lobo temporal. Aqui temos uma alteração que pode estar relacionada ao quadro, embora não seja possível estabelecer uma correlação causal definitiva apenas pela imagem.

Ela aproximou o rosto.

— Isso é o cérebro dele?

— Sim.

Ela ficou olhando.

— Parece uma pedra.

O médico sorriu brevemente.

— É uma imagem radiológica.

Ela não sorriu.

— É o cérebro dele?

— Sim.

Silêncio.

O médico voltou à tela.

— A hipótese mais provável neste momento é...

Continuou.

Termos.

Possibilidades.

Probabilidades.

Condutas.

Exames.

Marcadores.

Inflamação.

Resposta neurológica.

Monitorização.

A palavra prognóstico apareceu uma vez.

Depois outra.

A mãe segurava a própria mão.

O médico percebeu.

— Precisamos ter cautela.

Ela perguntou:

— Cautela é esperar?

— Cautela é não antecipar conclusões.

— Então vocês não sabem.

Ele respirou.

— Sabemos algumas coisas.

— Quais?

Ele olhou para ela.

— Sabemos que há uma alteração.

— E sabemos se ele vai ficar bem?

— Ainda não.

Ela baixou os olhos.

O médico continuou.

— O sistema nervoso central possui uma capacidade de reorganização funcional que pode ser significativa dependendo da extensão do comprometimento, da idade do paciente, da etiologia e da resposta ao tratamento. Nós temos mecanismos de plasticidade neuronal...

Ela levantou a mão.

Não para interrompê-lo.

Como quem pede uma pausa.

Ele parou.

— Doutor.

— Sim?

— Eu não sei o que é plasticidade.

Ele explicou.

Ela ouviu.

— Então o cérebro pode aprender de novo?

— Em determinadas condições, sim.

— Ele pode voltar a ser como era?

O médico ficou quieto.

Ele poderia falar sobre recuperação funcional.

Sobre reabilitação.

Sobre prognóstico reservado.

Sobre variabilidade individual.

Mas ela havia perguntado outra coisa.

Não sobre uma função.

Sobre um filho.

— Eu não sei — disse.

Foi a primeira frase simples que pronunciou naquela sala.

A mãe olhou para ele.

Não parecia decepcionada.

Talvez porque, pela primeira vez, tivesse recebido uma resposta que cabia na pergunta.

O monitor continuava marcando os mesmos intervalos.

Pip.

Pip.

Pip.

O médico percebeu o som.

Não havia percebido antes.

Pip.

Pip.

Pip.

A mãe aproximou-se da maca.

Passou a mão pelos cabelos do menino.

— Ele gosta quando eu faço assim.

O médico não respondeu.

Ela continuou:

— Quando era pequeno, ele dormia segurando meu dedo.

O médico olhou para a mão do menino.

Os dedos estavam imóveis.

— Ele ainda segura — disse ela.

O médico se aproximou.

— Como?

Ela colocou o próprio dedo na palma da mão dele.

Esperou.

Nada.

Depois de alguns segundos, um pequeno movimento.

Quase nada.

Os dedos se fecharam um pouco.

A mãe não disse nada.

O médico também não.

Na tela, as imagens continuavam mostrando aquilo que podiam mostrar.

O monitor continuava registrando aquilo que podia registrar.

O corpo, porém, fazia outra coisa.

O médico ficou observando.

Havia passado anos aprendendo a traduzir o corpo.

Dor abdominal.

Déficit motor.

Resposta pupilar.

Alteração sensorial.

Reflexo.

Edema.

Lesão.

Consciência.

Tudo precisava ser convertido em linguagem.

Tudo precisava entrar numa ficha.

Tudo precisava poder ser transmitido a outro médico.

Era assim que o conhecimento avançava.

Era assim que se tratava alguém.

Mas havia alguma coisa naquele pequeno movimento da mão que não cabia em nenhuma das categorias.

Ele sabia disso.

E, justamente por saber, sentiu vontade de procurar uma palavra.

Não encontrou.

A mãe continuava com o dedo preso na mão do filho.

— Ele está aqui — disse.

O médico olhou para ela.

— Sim.

— O senhor acha?

Ele hesitou.

— Acho.

Ela não perguntou mais nada.

Sentou-se.

O médico saiu da sala.

No corredor, havia outros médicos.

Outras telas.

Outros prontuários.

Outras palavras.

— Edema.

— Prognóstico.

— Corticoide.

— Neuroimagem.

— Saturação.

— Resposta.

— Conduta.

Ele caminhou entre elas.

Durante anos, aquelas palavras o haviam lhe dado segurança.

Agora pareciam fazer barulho.

Entrou numa pequena sala vazia.

Fechou a porta.

Ficou alguns segundos em pé.

Depois se sentou.

Abriu o prontuário eletrônico.

Começou a escrever.

Paciente apresenta...

Parou.

Apagou.

Recomeçou.

Paciente masculino, quadro neurológico...

Parou novamente.

Olhou para a tela.

Era preciso escrever.

Precisava registrar.

Precisava nomear.

Precisava transmitir.

Mas, antes de escrever, ouviu uma frase que não estava no prontuário.

Ele está aqui.

Ficou olhando para o cursor.

Piscando.

Piscando.

Como o monitor.

Pip.

Pip.

Pip.

Ele apagou a primeira frase.

Escreveu outra.

Dessa vez, mais devagar.

Paciente permanece em observação.

Parou.

Não acrescentou nada por alguns segundos.

Depois escreveu:

Aguardamos evolução.

Leu.

Parecia pouco.

Era pouco.

Mas não era falso.

Fechou o prontuário.

Voltou ao corredor.

Na porta do quarto, ficou parado.

A mãe ainda estava sentada.

O menino dormia.

Ela continuava segurando sua mão.

O médico não entrou.

Não explicou.

Não acrescentou nenhuma hipótese.

Ficou apenas alguns segundos olhando.

Então a mãe levantou os olhos.

Ele fez um pequeno movimento com a cabeça.

Ela respondeu do mesmo modo.

E, naquele instante, entre o médico que sabia muitas coisas e a mãe que precisava saber apenas uma, ***não houve palavra suficientemente grande para ocupar o espaço entre os dois****.*

O silêncio ficou ali.

Não como ausência de informação.

Como aquilo que a informação não conseguia dizer.

III

O Jargão Tecnológico e o Confronto com a Matéria

O carro chegou às nove e vinte.

Pelo menos era o que marcava o relógio do painel.

O homem desligou o motor, mas permaneceu alguns segundos sentado, olhando para as luzes vermelhas que ainda permaneciam acesas no quadro. Uma delas piscava de vez em quando. Outra permanecia fixa.

Ele fotografou.

Depois fotografou de novo.

— Está acusando uma inconsistência no sistema eletrônico de alimentação.

O mecânico olhou para ele.

— Está falhando?

— Não exatamente.

— Então?

— Está apresentando uma anomalia intermitente.

O mecânico abriu o capô.

— Faz o barulho?

— Depende.

— De quê?

— Da condição operacional.

O mecânico ficou olhando para ele.

— Quando esquenta, por exemplo.

— Exatamente.

— Então está falhando.

O homem sorriu.

— Não. Eu não diria exatamente isso.

O mecânico puxou uma caixa de ferramentas.

— Pode deixar.

— Eu só quero evitar que alguém faça uma intervenção precipitada.

— Tá.

— Porque hoje em dia esses carros têm sistemas muito sensíveis.

— Têm.

— Não é mais como antigamente.

O mecânico levantou a tampa do motor.

— Não.

— Tem central eletrônica, sensores, módulos, atuadores...

— Tem.

— Se você mexer sem diagnóstico, pode criar um problema secundário.

O mecânico não respondeu.

Pegou uma chave.

O homem continuou:

— O ideal seria uma abordagem sistêmica.

A chave parou no ar.

— Uma abordagem o quê?

— Sistêmica.

— Ah.

O mecânico voltou ao motor.

O homem se aproximou.

— Não estou dizendo que você não saiba.

— Eu sei.

— Só estou dizendo que talvez seja interessante verificar primeiro a interface entre os componentes.

— Vou verificar.

— Porque uma coisa pode estar mascarando outra.

O mecânico puxou um conector.

O motor não mudou.

— Está vendo?

— O quê?

— O comportamento.

— Não vi.

O homem ficou em silêncio por um instante.

— Está aí.

— Onde?

— Nessa resposta.

O mecânico olhou para ele.

— Que resposta?

— Do sistema.

O mecânico fechou a mão sobre o conector.

— Isso aqui é um fio.

O homem sorriu.

— Eu sei.

— Então.

O mecânico voltou ao trabalho.

Havia uma pequena mancha de óleo na lateral do motor. Uma gota escorria devagar.

O homem percebeu.

— Esse vazamento estava aí?

— Estava.

— E você não acha relevante?

— Acho.

— Então por que não mencionou?

— Você não perguntou.

O homem respirou fundo.

— Certo.

O mecânico abriu uma gaveta.

— Tem água?

— Tem.

— Pode pegar.

O homem pegou a garrafa que estava sobre a bancada.

— Aqui.

O mecânico bebeu.

Depois derramou um pouco sobre um pano.

Limpou as mãos.

O homem olhava para o motor.

— Talvez o problema esteja na comunicação entre a central e o sensor.

— Pode ser.

— Ou na alimentação.

— Pode ser.

— Ou no próprio sensor.

— Pode ser.

— Então você não sabe.

O mecânico ergueu os olhos.

— Ainda não.

O homem sorriu.

— É exatamente isso que eu estava tentando dizer.

O mecânico voltou ao motor.

— Não.

O homem esperou.

— O quê?

— Você estava tentando dizer que sabia.

A oficina ficou quieta.

Do lado de fora, um caminhão passou pela rua levantando poeira.

O homem olhou para a porta aberta.

— Eu não disse isso.

O mecânico não respondeu.

O homem tirou o celular do bolso.

Abriu uma página.

— Eu pesquisei bastante antes de trazer.

— Eu vi.

— Existem vários casos semelhantes.

— Pode ser.

— Em alguns, o problema foi resolvido com atualização do software.

— Pode ser.

— Em outros, substituição do módulo.

— Pode ser.

— Em outros, limpeza dos contatos.

— Pode ser.

O homem baixou o celular.

— Você só diz "pode ser".

— Porque pode.

Ele guardou o aparelho.

— É uma forma muito limitada de comunicação.

O mecânico deu de ombros.

— É.

O homem olhou novamente para o motor.

— Você não acha que seria melhor utilizar uma terminologia mais precisa?

— Para quê?

— Para definir o problema.

— Primeiro eu preciso achar o problema.

O homem abriu a boca.

Fechou.

O mecânico retirou uma peça.

Era pequena.

Preta.

Com duas presilhas quebradas.

— Aqui.

O homem se inclinou.

— Isso?

— Isso.

— O que é?

— Uma conexão.

— Mas isso é um componente do sistema?

— É.

— E está comprometido?

— Está.

— E isso explica a falha?

O mecânico olhou para a peça.

Depois para o carro.

— Talvez.

O homem respirou.

— Mas nós precisamos determinar causalidade.

O mecânico colocou a peça sobre a bancada.

— Ela está quebrada.

Silêncio.

O homem olhou para ela.

Uma pequena coisa preta sobre uma bancada suja de óleo.

Sem central.

Sem interface.

Sem sistema.

Sem diagnóstico.

Apenas quebrada.

Ele tocou a peça com a ponta do dedo.

— E agora?

— Agora troca.

— Só isso?

— Só.

O homem ficou olhando.

— Mas e a origem da falha?

— Essa é a origem.

— Você tem certeza?

— Da peça, tenho.

— E se houver outro problema?

— A gente descobre.

O homem passou a mão pelo rosto.

— Entendi.

Mas não tinha entendido.

Ainda procurava uma explicação maior.

Uma arquitetura.

Uma relação.

Alguma coisa que pudesse acomodar aquilo dentro de uma

frase.

A peça continuava sobre a bancada.

Ele pegou o celular novamente.

A tela acendeu.

Uma mensagem.

Depois outra.

Ele não abriu.

O mecânico começou a procurar uma peça nova.

— Quanto tempo?

— Dez minutos.

— Dez?

— Talvez quinze.

— Isso é tudo?

O mecânico não respondeu.

O homem ficou parado.

Dez minutos.

Aquilo não combinava com o tamanho do problema que ele havia construído desde a manhã.

Havia pesquisado.

Lido fóruns.

Comparados sintomas.

Assistido a vídeos.

Anotados códigos.

Falado sobre módulos.

Sensores.

Interfaces.

Diagnóstico.

E agora uma pequena peça preta estava ali, esperando ser substituída.

O mecânico voltou com a nova.

Comparou as duas.

— É essa.

O homem olhou.

— Parece igual.

— É igual.

— Só que nova.

— É.

O mecânico encaixou.

Ligou o motor.

O ruído mudou.

Esperaram.

Nada.

O motor permaneceu funcionando.

Regular.

O homem ouviu.

Esperou a falha.

Não veio.

— Vamos dar uma volta.

O mecânico entrou.

O homem se sentou ao lado.

Saíram da oficina.

A rua estava quente.

O carro avançou.

Primeira marcha.

Segunda.

Terceira.

Nada.

O homem olhou para o painel.

Nenhuma luz.

— Está normal.

— Está.

— Interessante.

O mecânico dirigia.

— Muito interessante.

Nenhuma resposta.

O homem olhou pela janela.

As lojas passavam.

Uma bicicleta.

Uma mulher atravessando a rua.

Um cachorro deitado à sombra.

O carro seguia.

— Então era aquilo.

O mecânico assentiu.

— Era.

O homem esperou alguma explicação complementar.

Não veio.

— E se eu tivesse continuado usando?

— Uma hora parava.

— E poderia danificar alguma coisa?

— Podia.

— Mas não necessariamente.

— Não.

O homem ficou olhando para frente.

O motor continuava.

Sem explicação.

Sem discurso.

Sem necessidade de convencê-lo de nada.

Ele percebeu que havia passado a manhã inteira tentando transformar uma falha pequena em um problema inteligente.

A palavra veio antes do pensamento:

— Inteligente.

O mecânico não ouviu.

Ou fingiu não ouvir.

O homem encostou a cabeça no banco.

A oficina já estava ficando para trás.

Pensou na peça.

Pequena.

Preta.

Quebrada.

Não era uma metáfora.

Não significava nada.

Não precisava significar.

Estava quebrada.

E isso bastava.

O homem olhou novamente para o painel.

Nenhuma luz.

O carro continuava.

Dessa vez ele não disse nada.

O mecânico também não.

Durante alguns minutos, ouviram apenas o motor.

IV

A Retórica Política e o Eco do Vazio

A praça estava vazia.

Não completamente.

Havia três pombos perto da fonte, um cachorro dormindo junto ao degrau da igreja e uma faixa de plástico presa ao poste, que o vento levantava e deixava cair.

O homem chegou às quatro da tarde.

Trazia uma pasta azul.

Dentro dela havia vinte e sete páginas.

Na primeira, em letras grandes:

UM NOVO TEMPO PARA A NOSSA CIDADE

Ele colocou a pasta sobre o banco.

Olhou a praça.

— É importante estarmos aqui hoje.

Ninguém respondeu.

Ele ajeitou o microfone.

— Porque este momento exige de todos nós responsabilidade.

O alto-falante devolveu um pequeno chiado.

Ele esperou.

— Estamos atravessando um período de profundas transformações.

A própria voz voltou das paredes.

Transformações.

— E sabemos que toda transformação traz desafios.

Desafios.

O eco chegou um pouco depois.

Ele sorriu.

— Mas também oportunidades.

Oportunidades.

O homem olhou para os lados.

A praça permanecia vazia.

— É justamente por isso que estamos aqui.

O cachorro levantou a cabeça.

O homem continuou.

— Para construir juntos.

Juntos.

— Um futuro melhor.

Melhor.

A palavra voltou quase inteira.

Ele parou.

Não gostou.

Abriu a pasta.

Passou algumas folhas.

— Meus amigos...

O eco respondeu:

— Amigos.

Ele respirou.

— Não estamos aqui para prometer.

Prometer.

— Estamos aqui para realizar.

Realizar.

Dessa vez ele não sorriu.

Olhou para o banco onde imaginara que estariam sentadas as pessoas.

Havia apenas uma folha seca.

Ele continuou.

— Nossa cidade merece mais.

Mais.

— Merece respeito.

Respeito.

— Merece dignidade.

Dignidade.

O eco repetia tudo.

Não acrescentava nada.

Ele começou a falar mais depressa.

— Precisamos recuperar a confiança, reconstruir os vínculos, fortalecer as instituições, criar oportunidades, devolver esperança, abrir novos caminhos...

As palavras se amontoaram.

Confiança.

Vínculos.

Instituições.

Oportunidades.

Esperança.

Caminhos.

Ele levantou a voz.

— Porque ninguém pode ficar para trás!

Trás.

O homem parou.

Olhou para a igreja.

Depois para as casas fechadas.

Uma janela tinha uma cortina mexendo.

— Ninguém.

O eco não respondeu.

A palavra desapareceu.

Ele passou a mão pela testa.

— Talvez seja cedo.

Consultou o relógio.

Quatro e dezessete.

— O pessoal deve estar chegando.

Esperou.

Nada.

— Houve um problema de divulgação.

A frase saiu mais baixa.

Ele olhou para a pasta.

— Ou talvez tenham entendido que seria amanhã.

Folheou novamente.

Na página seguinte havia um subtítulo:

A FORÇA DA UNIÃO

Ele leu em silêncio.

Depois fechou a pasta.

O cachorro voltou a deitar.

O vento levantou a faixa.

O homem foi até ela.

Estava escrita:

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES

Ele segurou a ponta solta.

Tentou prender novamente.

O plástico escapou.

Tentou outra vez.

Dessa vez conseguiu.

Ficou olhando para a faixa.

— Juntos.

Ninguém.

Ele voltou ao microfone.

— Uma cidade não se constrói com palavras.

Parou.

Olhou para a própria pasta.

— Quer dizer...

O alto-falante chiou.

Ele desligou o microfone.

O silêncio da praça mudou.

Sem o alto-falante, sua voz parecia menor.

— Uma cidade se constrói...

Sentou-se.

Abriu a pasta.

As vinte e sete páginas estavam cheias.

"Compromisso."

"Esperança."

"Desenvolvimento."

"União."

"Futuro."

"Transformação."

"Participação."

Ele passou o dedo pelas palavras.

E, pela primeira vez, elas pareceram estranhas.

Não falsas.

Piores.

Vazias.

Fechou a pasta.

Um pombo atravessou a praça.

Ele o acompanhou com os olhos.

O animal caminhou alguns passos, parou, inclinou a

cabeça e continuou.

O homem sorriu.

— Você não quer nada de mim.

O pombo não respondeu.

— É isso?

Silêncio.

Ele recostou-se no banco.

Olhou para a igreja.

A torre estava escurecendo.

Pensou que poderia voltar para casa.

Pensou que poderia telefonar para alguém.

Pensou em dizer que a reunião havia sido adiada.

Pensou em culpar o trânsito.

A chuva.

A organização.

O horário.

A comunicação.

Pensou em vinte e sete maneiras de explicar uma praça

vazia.

Nenhuma delas lhe pareceu suficientemente boa.

Então ficou sentado.

A faixa continuava presa ao poste.

JUNTOS SOMOS MAIS FORTES.

O vento a inflava.

Depois a deixava cair.

Inflava.

Caía.

Inflava.

Caía.

O homem ficou olhando.

Não sabia por que aquilo o incomodava tanto.

Levantou-se.

Foi até a faixa.

Leu novamente.

Passou a mão sobre as letras.

Depois soltou.

Voltou para o banco.

A praça estava quase escura.

Ele abriu a pasta uma última vez.

Na primeira página:

UM NOVO TEMPO PARA A NOSSA CIDADE

Arrancou a folha.

Amassou.

Parou.

Desamassou.

Dobrou cuidadosamente.

Colocou de volta.

Fechou a pasta.

Ficou algum tempo com as duas mãos sobre ela.

Depois disse, sem microfone:

— Não sei.

A frase não encontrou eco.

E, pela primeira vez naquele dia, isso não lhe pareceu uma derrota.

V

O Tagarela Digital e a Pane Elétrica

O elevador subia.

No painel, os números passavam depressa.

17.

O homem olhou para o relógio.

— Quarenta andares. Isso aqui é uma obra-prima da engenharia.

A mulher ao lado sorriu.

— É.

Ele apontou para o painel.

— Controle de velocidade, sistema redundante, sensores de proximidade, comunicação independente. Você sabia que esses elevadores conseguem detectar até variações mínimas de peso?

Ela não respondeu.

— Impressionante.

20.

— E esse aqui é panorâmico. Deve ter custado uma fortuna.

22.

Ele tirou o celular do bolso.

— Espera. Vou te mostrar uma coisa.

Abriu um vídeo.

— Olha isso.

A mulher olhou.

— Esse é um elevador em Dubai. Cento e vinte andares em menos de um minuto.

23.

— Caramba.

— Pois é.

24.

O homem guardou o celular.

— O futuro chegou.

25.

As portas se fecharam completamente.

26.

A luz piscou.

29.

O elevador parou.

Não houve tranco.

Apenas parou.

O homem olhou para o painel.

29.

— Ué.

Esperou.

Nada.

A mulher apertou o botão do 40.

A luz acendeu.

Apagou.

— Deve ser momentâneo — disse o homem.

Esperaram.

O elevador continuou parado.

— Tem redundância — ele disse.

A mulher olhou para ele.

— Como assim?

— Esses sistemas têm redundância. Se um circuito falha, outro assume.

Nada aconteceu.

O homem apertou o botão de abertura das portas.

Nada.

— Talvez esteja em modo de segurança.

A mulher apertou o alarme.

Um som curto.

Depois silêncio.

— Chamaram alguém — disse o homem.

— Quem?

— A central.

— Como você sabe?

— Deve ter comunicação remota.

Pegou o celular.

Sem sinal.

Olhou novamente.

Uma barra.

Depois nenhuma.

— Aqui não pega.

A mulher encostou-se na parede.

O homem riu.

— Bom.

— Bom?

— Nada grave.

Esperaram.

— Deve voltar.

Nada.

— Esses sistemas são projetados para isso.

Nada.

— É justamente para evitar acidentes.

Nada.

— O elevador não vai simplesmente despencar.

A mulher olhou para ele.

— Eu não disse que ia.

— Eu sei.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Só estou dizendo.

Silêncio.

O painel continuava mostrando:

29.

O homem apertou novamente o botão do 40.

— Não adianta — disse a mulher.

— Eu sei.

Apertou o botão de emergência.

Nada.

— Deve estar sem energia.

— Então acabou a redundância?

Ele olhou para ela.

— Não é bem assim.

— Como é?

— Depende do sistema.

— Ah.

Ele olhou para o teto.

— A iluminação ainda está funcionando.

— Sim.

— Então provavelmente existe uma alimentação auxiliar.

— Provavelmente.

— Exatamente.

O homem sorriu.

— Está vendo? Está tudo sob controle.

A luz piscou.

Apagou.

Acendeu novamente.

A mulher não sorriu.

— Isso não estava no vídeo.

Ele soltou uma risada curta.

— Não.

Ficaram quietos.

Pela parede de vidro, a cidade permanecia lá embaixo.

As janelas dos prédios.

Os carros.

Uma avenida fina.

Um helicóptero muito distante.

O homem aproximou-se do vidro.

— Olha.

A mulher não respondeu.

— Dá para ver a cidade inteira daqui.

Ela olhou.

— Bonito.

— Imagina à noite.

— Já está ficando noite.

— É.

Ele pegou o celular.

Sem sinal.

Tentou novamente.

Nada.

— Estranho.

— O quê?

— Nada.

Guardou.

— Você mora onde?

A mulher disse o nome de um bairro.

— Ah. Conheço.

Começou a explicar onde ficava.

Depois mudou de assunto.

— Você trabalha com o quê?

Ela respondeu.

Ele perguntou mais.

Depois contou onde trabalhava.

Quanto tempo.

Quais projetos.

Quem conhecia.

Quanto ganhava.

Não parecia perceber que estava falando sozinho.

A mulher respondia apenas o necessário.

— Eu já participei de um projeto de automação predial...

Ela olhou para o painel.

29.

— ...inclusive numa torre muito maior que essa.

29.

— Tinha vinte e oito elevadores.

29.

— E um sistema de gerenciamento centralizado.

29.

— Foi um projeto complexo.

29.

Ele sorriu.

— Mas a gente resolveu.

A mulher perguntou:

— Resolveram o quê?

Ele demorou.

— Uma pane.

— E como?

Ele começou a explicar.

Falou de protocolos.

Sensores.

Circuitos.

Gerenciamento.

Redundância.

Comunicação.

Falou durante alguns minutos.

Quando terminou, o elevador continuava parado.

29.

A mulher olhou para ele.

— E agora?

Ele não respondeu.

— O que fazemos?

Ele apertou novamente o botão de emergência.

Nada.

— Vamos esperar.

— Quanto tempo?

— Não sei.

A mulher sentou-se no chão.

O homem permaneceu em pé.

— Não precisa se sentar.

— Estou cansada.

— Claro.

Ele também se sentou.

A cidade estava escurecendo.

As primeiras luzes se acenderam nos edifícios.

Lá embaixo, as pessoas continuavam andando.

O trânsito seguia.

Um ônibus virou numa esquina.

Ninguém sabia que eles estavam ali.

O homem olhou para o celular.

Nenhum sinal.

— Engraçado.

— O quê?

— A gente passa o dia inteiro conectado.

A mulher não respondeu.

— E agora...

Ele deixou a frase incompleta.

A luz apagou.

Dessa vez não voltou.

O elevador ficou escuro.

A mulher respirou fundo.

O homem ficou imóvel.

Por alguns segundos nenhum dos dois falou.

Depois ele disse:

— Você está com medo?

— Um pouco.

Ele pensou em dizer que não havia motivo.

Não disse.

A mulher perguntou:

— E você?

Ele demorou.

— Também.

Foi a primeira coisa verdadeira que disse desde que entrara

no elevador.

Ficaram sentados.

A cidade desaparecera atrás do vidro escuro.

Já não havia painel.

29 desaparecera.

Não havia números.

Não havia sistema.

Não havia redundância.

Não havia sinal.

O homem colocou o celular no bolso.

— Engraçado.

A mulher esperou.

— O quê?

Ele olhou para o escuro.

— Eu não tenho nada para dizer.

Ela não respondeu.

E dessa vez ele não tentou encontrar alguma coisa para dizer.

VI

A Cortesia Falsa e a Verdade da Dor

A sala estava cheia.

Não havia televisão ligada.

Não havia conversa.

Apenas o ruído baixo do aparelho de ar-condicionado e, de tempos em tempos, o som de uma senha sendo chamada.

— Senha cento e quarenta e dois.

Uma mulher levantou-se.

— Sou eu.

Caminhou até a porta.

Sentou novamente.

O homem ao lado dela olhou o relógio.

— Está demorando hoje, hein?

Ela sorriu.

— Um pouco.

— Mas vai dar tudo certo.

— Tomara.

— Tem que pensar positivo.

Ela sorriu outra vez.

— É.

O homem consultou o celular.

— Hospital é assim mesmo. A gente precisa ter paciência.

Ela assentiu.

— Claro.

Ele voltou ao celular.

Alguns minutos.

— Você veio sozinha?

— Vim.

— Ah.

Silêncio.

— É para consulta?

— Não.

Ele esperou.

— Exame?

Ela balançou a cabeça.

— Internação?

— Não.

Ele ficou sem saber o que perguntar.

— Desculpa.

— Tudo bem.

A televisão continuava desligada.

Na parede havia um cartaz:

HUMANIZAÇÃO DO ATENDIMENTO

Abaixo:

CUIDAR É ACOLHER.

O homem leu.

Depois olhou para a mulher.

— Aqui eles atendem bem.

Ela não respondeu.

Uma enfermeira passou depressa.

— Com licença.

O homem afastou os pés.

— Claro.

A mulher segurava uma pequena bolsa sobre o colo.

As mãos estavam muito juntas.

O homem percebeu.

— Está nervosa?

— Estou.

— Não fique.

Ela olhou para ele.

— É fácil falar.

Ele sorriu sem graça.

— É verdade.

Chamaram outra senha.

A mulher levantou-se.

Não era a dela.

Sentou.

O homem olhou para o painel.

— Ainda falta.

— Eu sei.

— Você sabe que...

Parou.

Não encontrou uma continuação adequada.

Ela olhava para a porta.

— Minha filha está lá dentro.

Ele assentiu.

— Ah.

Ela apertou a bolsa.

— Ela tem vinte e três anos.

O homem não disse nada.

— Descobriram uma coisa.

Ele esperou.

— Não sei ainda o que é.

O homem olhou para o cartaz.

CUIDAR É ACOLHER.

— Vai dar tudo certo — disse.

A mulher fechou os olhos por um instante.

— Não sabe.

Ele ficou quieto.

— Não — disse depois. — Não sei.

Foi a primeira vez que a frase pareceu suficiente.

Uma enfermeira abriu a porta.

— Senhora?

A mulher levantou-se.

— Sou eu.

— Pode entrar.

Ela deu dois passos.

Parou.

Olhou para o homem.

Ele esperava que ela sorrisse.

Ela não sorriu.

Ele também não.

— Boa sorte — disse.

Ela assentiu.

Entrou.

A porta fechou.

O homem permaneceu sentado.

O painel chamou outra senha.

Ele não prestou atenção.

Olhou novamente para o cartaz.

CUIDAR É ACOLHER.

A frase parecia correta.

Talvez correta demais.

Pegou o celular.

Abriu uma conversa.

Digitou:

"Estou aqui com uma pessoa que está esperando notícias da filha. É muito triste. Mas acho que devemos manter a esperança."

Leu.

Apagou.

Digitou novamente:

"Às vezes a vida coloca a gente diante de situações difíceis, mas..."

Parou.

Apagou.

Guardou o celular.

Uma senhora entrou na sala.

Sentou-se.

Uma criança tossiu no corredor.

Alguém chamou outra senha.

O aparelho de ar-condicionado continuava funcionando.

O homem olhou para a porta por onde a mulher havia desaparecido.

Não sabia o que dizer.

E, pela primeira vez naquela tarde, percebeu que talvez não houvesse nada a dizer.

Não era falta de assunto.

Era outra coisa.

Ali, diante da dor de uma desconhecida, todas as frases que costumava usar para tornar as coisas suportáveis pareciam pequenas demais.

"Vai ficar tudo bem."

"Tenha fé."

"Pense positivo."

"Tudo acontece por alguma razão."

Cada uma delas parecia agora uma espécie de invasão.

A porta abriu.

A mulher voltou.

Sentou-se.

O homem olhou para ela.

Não perguntou nada.

Ela também não disse nada.

Ficaram assim.

Depois de algum tempo, ela encostou a cabeça na parede.

O homem permaneceu ao lado.

Sem conselhos.

Sem esperança emprestada.

Sem explicações.

Apenas ali.

Uma nova senha foi chamada.

Ninguém se levantou.

O homem olhou para o relógio.

Depois para a mulher.

E descobriu que, naquela sala, ***não fazer nada podia ser uma forma de permanecer junto.***

VII

O Monólogo Acadêmico e o Olhar da Natureza

O professor falava havia quarenta minutos.

O barco avançava devagar.

A água era larga e quase parada naquele trecho do rio.

— Como vocês podem observar, a dinâmica desse ecossistema está diretamente relacionada à interação entre fatores bióticos e abióticos, sobretudo quando consideramos a sazonalidade hidrológica e os processos de sedimentação...

Os três alunos permaneciam sentados.

Um deles fazia anotações.

Outro segurava a câmera.

O terceiro olhava para a margem.

O professor continuou.

— ...e isso nos permite compreender a complexidade estrutural de um sistema que, embora aparentemente estável, encontra-se em permanente transformação.

O barco passou por uma árvore caída.

Um galho mergulhava na água.

— É importante não cairmos na tentação de interpretar a floresta como um cenário estático.

O aluno da câmera apontou para um pássaro.

— Professor.

— Sim?

— Aquilo é uma garça?

O professor olhou rapidamente.

— Provavelmente.

O pássaro levantou voo.

— Na verdade, a identificação de espécies exige uma observação mais cuidadosa.

O aluno abaixou a câmera.

O professor retomou:

— O conceito de biodiversidade não deve ser reduzido à simples quantidade de espécies presentes em determinado território...

O motor do barco roncou.

Ele precisou elevar a voz.

— ...mas entendido a partir das relações que estabelecem entre si!

O piloto olhou para trás.

— Pode falar mais baixo.

— Como?

— O motor.

O professor assentiu.

Passaram alguns minutos.

O sol estava quase exatamente sobre eles.

Não havia sombra.

O professor enxugou a testa.

— É justamente essa condição de luminosidade que nos permite perceber certas características da vegetação ribeirinha.

Ninguém respondeu.

Ele continuou.

— A floresta parece silenciosa, mas, na realidade, existe uma enorme quantidade de atividade sonora...

Um aluno riu.

O professor olhou para ele.

— O que foi?

— Nada.

— Alguma coisa engraçada?

— Não.

O professor voltou-se para a margem.

— Escutem.

Todos ficaram quietos.

O motor continuava.

Um inseto passou perto da cabeça de um aluno.

Alguma coisa caiu na água.

Ploc.

O professor levantou o dedo.

— Estão ouvindo?

Ninguém respondeu.

— Esse é um exemplo interessante.

— Do quê? — perguntou o aluno.

— Da complexidade acústica do ambiente.

O aluno sorriu.

O professor não percebeu.

Ou percebeu e preferiu continuar.

— Em ambientes urbanos, estamos tão habituados ao ruído que perdemos a capacidade de distinguir...

Parou.

O barco havia desligado o motor.

O silêncio veio de uma vez.

Não era absoluto.

Havia água.

Insetos.

Folhas.

Um pássaro distante.

Uma coisa pesada se moveu dentro da mata.

O professor ficou calado.

Os alunos também.

O rio parecia maior sem o motor.

Muito maior.

O professor olhou para a margem.

Uma folha caiu.

Tocou a superfície.

Girou.

Foi levada pela corrente.

— Interessante — disse ele.

Ninguém respondeu.

Ele esperou.

— Muito interessante.

O piloto permaneceu sentado.

O professor procurou alguma coisa na cabeça.

Um conceito.

Uma referência.

Uma classificação.

Uma palavra adequada.

Não encontrou.

O aluno que fazia anotações havia parado de escrever.

— Professor?

— Sim?

— O que é aquele barulho?

Ele escutou.

Demorou.

— Não sei.

O aluno apontou para a mata.

— Ali.

O professor olhou.

Alguma coisa se movia entre as folhas.

Não aparecia.

O som vinha e desaparecia.

Depois vinha novamente.

O professor ficou observando.

— Talvez seja um animal.

— Qual?

— Não sei.

O aluno esperou.

O professor também.

Uma libélula pousou no braço dele.

Ele não se mexeu.

A água passava.

O sol queimava.

A floresta permanecia.

Por alguns minutos, ninguém falou.

O professor percebeu que estava tentando transformar aquilo em conhecimento.

Precisava dizer alguma coisa.

Precisava nomear.

Aquilo era o que sabia fazer.

Nomear.

Classificar.

Relacionar.

Explicar.

Mas havia coisas diante dele que não estavam pedindo explicação.

O rio não estava dizendo nada.

A árvore não estava ensinando nada.

O pássaro não estava ilustrando nenhuma teoria.

A floresta não era exemplo de coisa alguma.

Era apenas floresta.

Ele olhou para os alunos.

Eles estavam olhando para a margem.

Não para ele.

Sentiu uma pequena vergonha.

Não exatamente por ter falado demais.

Talvez por ter acreditado que precisava falar.

O barco começou a derivar.

Sem motor.

O professor deixou a mão tocar a água.

A corrente puxou seus dedos.

Retirou a mão.

Ficou olhando para as gotas escorrendo pela pele.

— Professor?

— Hum?

— A gente pode ficar assim mais um pouco?

Ele olhou para o aluno.

— Podemos.

E ficaram.

Nenhuma explicação.

Nenhum conceito.

Nenhuma conclusão.

A floresta continuava fazendo aquilo que fazia antes que alguém viesse estudá-la.

O professor fechou a boca.

E, pela primeira vez naquela viagem, teve a impressão de que não estava deixando de ensinar.

Estava começando a aprender.

VIII

A Mentira Compulsiva e a Escuta de uma Criança

O velho dizia que tinha conhecido o presidente.

Não era exatamente verdade.

Tinha visto o presidente de longe.

Mas isso havia acontecido muitos anos antes, quando ele ainda trabalhava numa repartição pública e fora chamado para acompanhar uma cerimônia.

Mesmo assim:

— Eu conversei com ele.

A menina estava sentada no chão.

Tinha quatro anos.

Brincava com uma boneca sem uma das pernas.

— Conversou?

— Conversei.

— E ele falou com você?

— Falou.

— O quê?

O velho pensou.

— Perguntou meu nome.

A menina olhou para ele.

— Qual era?

— O meu?

— É.

Ele disse.

Ela continuou brincando.

— E ele sabia?

— Sabia.

— Como?

O velho sorriu.

— Presidente sabe dessas coisas.

A menina colocou a boneca deitada.

— Meu pai não sabe.

— O quê?

— Meu nome.

— Sabe sim.

— Sabe.

Ela ajeitou o vestido da boneca.

— Mas ele esquece.

O velho ficou quieto por um instante.

— Presidente não esquece.

A menina levantou os olhos.

— Você esquece?

— Eu?

— É.

— Nunca.

Ela ficou olhando para ele.

Depois voltou à boneca.

— Minha mãe disse que você esquece onde põe as coisas.

— Sua mãe fala demais.

— Ela disse que você perdeu três vezes a chave.

— Duas.

A menina levantou três dedos.

— Três.

— Uma delas eu achei.

— Então perdeu.

O velho riu.

— Você é esperta.

Ela não respondeu.

O velho gostava de conversar com ela porque a menina acreditava em quase tudo.

Ou pelo menos era o que ele pensava.

— Eu já viajei de avião para muito longe.

— Onde?

— Para a Europa.

— Onde é Europa?

— Muito longe.

— Mais longe que a casa da vovó?

— Muito mais.

— Foi de avião?

— Fui.

— Sozinho?

— Sozinho.

— Você não ficou com medo?

— Nunca tive medo de nada.

A menina parou de brincar.

— Nem quando morreu seu irmão?

O velho olhou para ela.

— Quem disse que meu irmão morreu?

— Você.

— Eu?

— Ontem.

Ele não se lembrava.

Talvez tivesse dito.

Talvez não.

— Meu irmão era muito forte.

— Ele morreu.

— Morreu.

— Você ficou triste?

O velho olhou para a janela.

— Não.

A menina ficou esperando.

— Por quê?

— Homem não fica triste.

Ela baixou os olhos para a boneca.

— Meu pai fica.

O velho não respondeu.

A menina continuou:

— Quando o cachorro morreu.

Ele olhou para ela.

— Seu pai chorou?

— Chorou.

— Homem chora.

— Você falou que não.

O velho sorriu.

— Eu estava falando de outra coisa.

— Que coisa?

— De homem.

— Seu irmão era homem?

Ele riu.

— Era.

— Então você mentiu.

O velho ficou olhando para a menina.

Ela não parecia acusá-lo.

Só estava constatando.

Como quem diz que a boneca não tinha uma perna.

O velho passou a mão no rosto.

— Às vezes a gente fala umas coisas.

— Mentira?

— Às vezes.

Ela levantou a boneca.

— Ela também mente.

— Boneca não mente.

— Essa mente.

— Como?

— Diz que está dormindo.

— E não está?

— Não.

— Como você sabe?

— Porque está com o olho aberto.

O velho olhou para a boneca.

— É verdade.

A menina sorriu.

Depois ficou quieta.

O velho sentiu vontade de contar outra coisa.

Qualquer coisa.

Podia dizer que tinha pescado um peixe de vinte quilos.

Já tinha dito isso.

Podia contar que certa vez havia salvado um homem de morrer afogado.

Também não era exatamente verdade.

Ou que conhecera um artista famoso.

Ou que tinha uma fotografia antiga com um cantor.

Havia sempre alguma coisa.

Uma história pronta.

Uma pequena elevação no mundo onde ele podia ficar de pé.

Mas a menina estava ali.

Olhando para a boneca.

E não parecia precisar de nenhuma história.

— Você acredita em mim? — perguntou.

Ela levantou a cabeça.

— Quando você fala verdade.

O velho não sorriu.

Ficou olhando para ela.

— E quando eu minto?

— Eu sei.

— Como?

Ela deu de ombros.

— Dá para saber.

— Como?

— Você fala diferente.

O velho olhou para as próprias mãos.

— Diferente como?

A menina fez uma voz grave:

— "Eu nunca tive medo de nada."

Depois riu.

O velho riu também.

Mas a risada dele durou pouco.

— Eu tive medo.

A menina esperou.

— Muitas vezes.

Ela não perguntou de quê.

O velho continuou:

— Tive medo quando meu pai morreu.

Silêncio.

— Tive medo quando sua avó ficou doente.

A menina levantou os olhos.

— E tive medo de ficar sozinho.

A menina não disse nada.

Apenas colocou a boneca no colo.

O velho olhou para ela.

— Você não vai contar para ninguém?

— O quê?

— Que eu tive medo.

Ela pensou.

— Não.

— Por quê?

— Porque você falou baixinho.

O velho sorriu.

Depois ficou quieto.

A menina encostou a cabeça no braço dele.

Ele não se mexeu.

Durante algum tempo, nenhum dos dois falou.

Do lado de fora, um passarinho cantou.

O velho olhou para a janela.

Pensou no presidente.

No avião.

Na Europa.

No peixe enorme.

No homem que ele nunca tinha salvado.

As histórias continuavam ali.

Todas prontas.

Todas esperando.

Mas agora pareciam cansadas.

Ele percebeu que passara tantos anos acrescentando coisas à própria vida que já não sabia mais onde terminava a lembrança e começava a invenção.

A menina fechou os olhos.

— Você está dormindo? — perguntou ele.

— Não.

— Como sabe?

Ela abriu um olho.

— Porque eu sei.

O velho ficou olhando.

Depois riu.

Bem baixo.

E não contou mais nada.

IX

O Falatório de Culpa e o Ritual do Fogo

Ele tinha pedido desculpas.

Às seis e quinze.

Depois às seis e vinte.

Às seis e quarenta, mandou uma mensagem.

Às sete e dez, outra.

Às sete e meia, ligou.

Não atenderam.

Às oito, começou de novo.

— Eu devia ter percebido.

Estava sentado sozinho na cozinha.

A chaleira havia fervido.

Ele não desligara.

A água evaporara quase toda.

— Eu devia ter percebido antes.

Levantou-se.

Desligou o fogo.

Voltou a sentar.

— Mas também ninguém me avisou.

Silêncio.

— Quer dizer, avisaram.

Pensou.

— Não exatamente.

Passou as duas mãos pelo rosto.

— Eu sabia.

A frase saiu baixa.

— Eu sabia.

Abriu o celular.

Leu novamente a conversa.

Uma frase.

Depois outra.

Depois outra.

Voltou ao início.

— Aqui.

Apontou para a tela vazia da cozinha.

— Aqui estava claro.

Desligou o celular.

Acendeu um fósforo.

Ficou olhando para a chama.

Apagou.

Acendeu outro.

— Eu estraguei tudo.

A chama tremia.

— Não precisava ter falado aquilo.

O fósforo queimou até perto dos dedos.

Ele o soltou na pia.

Acendeu outro.

— Mas ela também...

Parou.

— Não.

Outro fósforo.

— Não adianta.

O fogo pequeno iluminava sua mão.

Ele havia colocado uma caixa inteira sobre a mesa.

Fósforos.

Um atrás do outro.

Acendia.

Observava.

Apagava.

Acendia novamente.

Como se cada pequena chama pudesse consumir uma frase antes que ela terminasse.

— Eu sou um idiota.

Fósforo.

— Eu sempre faço isso.

Fósforo.

— Por que eu não consigo parar?

Fósforo.

— Eu devia ter ficado quieto.

Fósforo.

— Eu devia ter ido embora.

Fósforo.

— Eu devia ter percebido.

A chama se apagou.

Ele não acendeu outro.

Ficou olhando para o palito queimado.

Havia dezenas deles sobre a mesa.

Pequenos restos pretos.

Quase todos inclinados para o mesmo lado.

Ele juntou alguns.

— Pronto.

Colocou-os num prato.

Acendeu.

A chama cresceu.

Ele aproximou o rosto.

O calor chegou à pele.

— É isso.

Ficou observando.

— Eu mereço.

A chama continuou.

— Fiz errado.

O fogo consumiu uma ponta.

— Fiz tudo errado.

O prato começou a esquentar.

Ele o afastou.

Ficou alguns segundos sem falar.

Depois:

— Mas...

Parou.

Olhou para o fogo.

— Mas o quê?

Nada.

A chama diminuía.

Ele poderia continuar.

Havia material suficiente.

Podia recontar a conversa.

Encontrar cada erro.

Cada palavra.

Cada pausa.

Podia voltar ao instante exato em que deveria ter ficado calado.

Podia imaginar o que o outro havia pensado.

Podia imaginar o que deveria ter dito.

Podia imaginar o que aconteceria amanhã.

A culpa tinha uma vantagem:

nunca terminava.

Bastava mudar uma palavra.

Voltar alguns minutos.

Reabrir uma lembrança.

O passado sempre podia ser corrigido dentro da cabeça.

E, como nunca podia ser realmente corrigido, sempre oferecia mais uma oportunidade para sofrer.

Ele pegou outro fósforo.

Parou antes de acendê-lo.

Ficou segurando o palito entre os dedos.

A ponta vermelha.

O corpo de madeira.

Tão pequeno.

— Se eu acender...

Não terminou.

Olhou para a caixa.

Restavam muitos.

Talvez fosse isso.

Ele não estava queimando fósforos.

Estava fabricando pequenas cerimônias para continuar dizendo a mesma coisa.

Eu errei.

A frase já não dizia nada.

Mesmo assim, precisava ser repetida.

Ele colocou o fósforo sobre a mesa.

Não acendeu.

Depois outro.

Também não.

Um terceiro.

Nenhum.

Aos poucos, a mesa se encheu de pequenos pedaços de madeira intacta.

Ele percebeu que o silêncio era mais difícil que a culpa.

A culpa falava.

Tinha frases.

Tinha argumentos.

Tinha provas.

Tinha testemunhas inventadas.

O silêncio não tinha nada.

Ele se levantou.

Foi até a pia.

Jogou os fósforos queimados no lixo.

Lavou as mãos.

Voltou.

A caixa continuava sobre a mesa.

Ele a fechou.

Guardou na gaveta.

Sentou-se.

Ficou olhando para o lugar onde estivera o fogo.

Não havia mais chama.

Nem fumaça.

Nem desculpa.

Apenas a mesa.

E ele.

Por alguns minutos, tentou pensar no que fazer amanhã.

Não conseguiu.

Tentou lembrar o que havia acontecido.

Não quis.

Tentou formular uma nova explicação.

Também não.

Então respirou.

Uma vez.

Depois outra.

O silêncio não o perdoava.

Não o acusava.

Não dizia que tudo ficaria bem.

Não dizia que tudo estava perdido.

Não dizia absolutamente nada.

E talvez fosse justamente por isso que, pela primeira vez naquela noite, ele não precisasse dizer nada também.

X

A Vertigem Jurídica e o Silêncio da Pedra no Inverno

O juiz lia em voz alta.

Não havia ninguém no tribunal.

As ruínas ocupavam o alto da colina, cercadas por um campo coberto pela geada. As paredes tinham perdido o reboco. Algumas janelas eram apenas buracos escuros. O telhado desaparecera em quase toda a extensão do edifício.

Ele caminhava devagar entre as pedras.

Trazia uma pasta de couro debaixo do braço.

— Considerando os fatos constantes dos autos...

Parou.

O vento entrou pela janela sem vidro.

Ele esperou.

Depois continuou.

— Considerando, ainda, a manifesta ausência de elementos capazes de afastar a responsabilidade...

Sua voz retornava das paredes.

Não era exatamente um eco.

Era a própria voz envelhecida pela pedra.

— ...a responsabilidade do requerido...

Passou a mão pelo parapeito.

A pedra estava gelada.

Continuou andando.

— Nos termos do artigo...

Parou para consultar o papel.

— ...nos termos da legislação aplicável...

O papel tremia um pouco.

Não sabia se era o frio ou a mão.

Olhou para o corredor.

Havia marcas de umidade nas paredes.

Uma inscrição quase apagada.

Um nome.

Uma data.

Ele aproximou o rosto.

Não conseguiu ler.

Voltou ao processo.

— Diante do exposto, julgo...

A frase parecia enorme naquele lugar.

Ele parou.

Olhou para cima.

Parte da parede terminava no céu.

— ...julgo procedente...

A palavra ficou suspensa.

Procedente.

Ele gostava daquela palavra.

Tinha passado a vida pronunciando palavras que encerravam coisas.

Defiro.

Indefiro.

Concedo.

Nego.

Reconheço.

Determino.

Arquive-se.

Sentenças eram construídas para produzir um fim.

Era essa a beleza do direito.

O caos entrava de um lado.

A linguagem saía do outro.

Entre ambos, uma decisão.

Ele voltou a caminhar.

— Julgo procedente o pedido formulado...

Uma pedra pequena desprendeu-se de uma parede.

Caiu.

Ele parou.

Olhou para o chão.

A pedra era do tamanho de uma mão.

Pegou-a.

Pesava mais do que parecia.

Continuou segurando enquanto lia.

— ...formulado pela parte autora...

A pedra não tinha autor.

Não tinha parte.

Não tinha processo.

Não tinha prazo.

Não precisava provar nada.

Ele a colocou sobre uma coluna quebrada.

Voltou ao papel.

— Considerando o transcurso do tempo...

Parou.

Dessa vez demorou mais.

O transcurso do tempo.

A frase lhe pareceu estranha.

Olhou para a parede.

A parede estava ali.

Não havia transcorrido.

Ou talvez tivesse.

Tudo ali era tempo.

A pedra.

O musgo.

A ferrugem.

As raízes atravessando o piso.

As marcas dos mortos.

Ele voltou a ler.

— Considerando o transcurso do tempo...

O vento passou pelo corredor.

A frase se desfez.

Ele baixou o papel.

Havia trabalhado quarenta anos com prazos.

Trinta dias.

Quinze dias.

Cinco dias.

Vinte e quatro horas.

Embargos.

Recursos.

Prescrição.

Decadência.

Tudo tinha um limite.

Tudo terminava em algum lugar.

Menos o tempo.

O tempo não obedecia à sentença.

Não aceitava recurso.

Não conhecia jurisprudência.

Ele caminhou até o antigo plenário.

As cadeiras haviam desaparecido.

Restavam apenas marcas no chão.

No centro, uma grande pedra ocupava o lugar onde antes estivera a mesa.

Ele se aproximou.

Abriu a pasta.

— Processo número...

Leu o número.

Depois o repetiu.

Não sabia por quê.

Talvez porque os números lhe dessem a sensação de ordem.

Processo.

Número.

Data.

Parte.

Objeto.

Decisão.

A pedra continuava ali.

Ele começou a ler novamente.

— Vistos.

Parou.

Não havia ninguém para ver.

— Relatados.

Parou.

Não havia ninguém para ouvir.

— Decido.

A palavra saiu mais baixa.

Ele olhou para as próprias mãos.

E percebeu, com uma espécie de desconforto, que havia

passado a vida inteira dizendo que decidia.

Mas nunca decidira sobre aquilo.

Não decidira sobre a morte dos pais.

Não decidira sobre o nascimento dos filhos.

Não decidira sobre o envelhecimento.

Não decidira sobre a passagem dos anos.

Não decidira sequer sobre estar ali, naquela manhã de inverno, lendo um processo para um tribunal que já não existia.

Sentou-se sobre uma pedra.

A pasta permaneceu aberta no chão.

O frio atravessava o tecido da roupa.

Ele não se moveu.

Ficou olhando.

As letras continuavam ali.

Mas já não pareciam tão definitivas.

Ele pensou em todos os documentos que havia assinado.

Milhares.

Talvez dezenas de milhares.

Cada um pretendia colocar alguma coisa no lugar.

Uma propriedade.

Uma dívida.

Uma culpa.

Um direito.

Uma obrigação.

Uma vida.

E, entretanto, aquela pedra não precisava de decisão.

Estava ali antes dele.

Estaria depois.

Talvez não aquela pedra.

Outra.

Outra forma da mesma matéria.

Ele se levantou.

Pegou o processo.

A última página estava marcada pela umidade.

Leu novamente:

— Diante do exposto...

Parou.

Esperou.

Nenhuma conclusão apareceu.

O vento atravessou o tribunal.

Ele fechou a pasta.

Não por cansaço.

Não por frio.

Simplesmente porque não havia mais nada a dizer.

Ficou de pé no centro das ruínas.

Durante alguns minutos, ouviu apenas o vento.

Depois um pássaro.

Depois nada.

Ele olhou para a pedra.

Pensou que aquela pedra não sabia seu nome.

Não sabia que ele havia sido juiz.

Não sabia quantas sentenças havia proferido.

Não sabia que ele existia.

E, pela primeira vez, isso não lhe pareceu uma ofensa.

Pareceu lhe uma libertação.

Ele se aproximou.

Colocou a mão sobre a pedra.

Estava fria.

Ficou assim.

Sem interpretar.

Sem nomear.

Sem decidir.

A pedra não lhe devolveu nada.

Nem resposta.

Nem sentido.

Nem consolo.

Apenas o frio.

Ele retirou a mão.

Olhou para o céu.

Era um céu branco de inverno.

Então percebeu uma coisa que nenhum processo o havia ensinado:

há coisas que não precisam ser julgadas para permanecerem.

E não disse mais nada.

Naquele tribunal vazio, pela primeira vez, o juiz não pronunciou uma sentença

XI

A Murmuração Constante e o Som do Mar

Ele reclamava do mar.

Não do mar em si.

Do que o mar fazia.

— Olha isso.

Estava sentado numa cadeira de plástico diante da água.

— O vento mudou.

Ninguém respondeu.

— Sempre muda quando a gente precisa que fique bom.

O mar avançava sobre a areia e recuava.

— E essa umidade?

Passou a mão no braço.

— Não tem jeito. Aqui tudo enferruja.

Uma onda chegou mais longe.

— Tudo.

Ele tinha vindo cedo.

Escolhera uma cadeira próxima à água porque gostava de olhar o horizonte, embora dissesse que não gostava de praia.

— Areia entra em tudo.

Tirou o chinelo.

Sacudiu o pé.

— Olha isso.

A areia caiu sobre a toalha.

— Depois dizem que é relaxante.

Uma onda quebrou.

Ele esperou.

— E o barulho.

Outra onda.

— Esse barulho o dia inteiro.

A mulher que estava na cadeira ao lado levantou-se e foi embora.

Ele acompanhou com os olhos.

— Melhor assim.

Olhou para o mar.

— Gente não sabe ficar quieta.

Uma onda maior avançou.

Molhou a ponta da cadeira.

Ele puxou-a para trás.

— Está vendo?

Levantou-se.

— Daqui a pouco chega aqui.

Olhou para o relógio.

— Sempre chega.

Voltou a sentar.

O vento trouxe areia.

Ele fechou os olhos.

— E esse vento.

Passou a mão pelo rosto.

— Não dá nem para descansar.

Ficou alguns minutos sem falar.

Depois:

— Eu devia ter ficado em casa.

O mar não respondeu.

Ele olhou para a água.

— Em casa pelo menos tenho televisão.

Uma onda.

— E café.

Outra.

— E ninguém me incomoda.

Outra.

— Embora também tenha problema.

O horizonte permanecia imóvel.

— A conta de luz.

Onda.

— O vizinho.

Onda.

— A infiltração.

Onda.

— Minha irmã.

Onda.

— Meu joelho.

Onda.

— Esse governo.

Onda.

— Tudo.

O som do mar aumentou.

Ele levantou a voz.

— Tudo hoje em dia está complicado!

A onda veio.

Quebrou.

Recuou.

Ele ficou olhando.

— Antigamente não era assim.

O mar continuou.

— A gente tinha menos coisa.

Onda.

— Mas vivia melhor.

Onda.

— Hoje tem celular, internet, cartão, aplicativo...

Onda.

— E nada funciona direito.

Onda.

Ele parou.

A espuma desaparecia na areia.

Uma nova onda começava a se formar mais longe.

Ele acompanhou.

Esperou.

A onda cresceu.

Veio.

Quebrou.

Recuou.

Outra começou.

Ele percebeu que estava esperando a próxima reclamação.

Não a próxima onda.

A próxima coisa para reclamar.

Era como se cada onda trouxesse uma oportunidade.

Um assunto.

Uma irritação.

Uma pequena acusação contra o mundo.

Ficou olhando.

A próxima onda veio.

Não havia nada para dizer.

Ele tentou.

— Esse mar...

Parou.

A onda recuou.

Ele fechou a boca.

Outra veio.

O som era tão grande que cobriu o pensamento.

Ele esperou passar.

Quando passou, não havia nenhuma frase pronta.

Apenas outra onda.

Ele ouviu.

Dessa vez sem procurar significado.

O mar não estava concordando.

Não estava discordando.

Não estava ensinando.

Não estava consolando.

Não estava reclamando.

Fazia aquilo.

Avançava.

Quebrava.

Recuava.

Voltava.

Sempre diferente.

Sempre igual.

O homem permaneceu sentado.

O vento mudou.

A areia continuou entrando nos sapatos.

Ele percebeu.

Não reclamou.

Uma onda maior cobriu parte da areia diante dele.

Depois desapareceu.

Ele pensou na conta de luz.

A lembrança veio inteira.

Depois foi embora.

Pensou na irmã.

Foi embora também.

Pensou no joelho.

Ficou.

Ele mexeu a perna.

A dor estava lá.

Não precisava falar sobre ela.

O sol começava a baixar.

O homem olhou para o horizonte.

Não sabia quanto tempo havia passado.

A cadeira estava úmida.

A toalha cheia de areia.

O café havia esfriado.

Tudo continuava exatamente como antes.

E, no entanto, alguma coisa tinha mudado.

Ele percebeu que o mundo não precisava melhorar para que ele parasse de reclamar.

A frase veio sem esforço.

Quase como uma constatação:

— Não precisa.

Falou tão baixo que nem sabia se tinha realmente falado.

O mar respondeu.

Não com palavras.

Com outra onda.

Ele ficou.

A onda veio.

Quebrou.

Recuou.

Outra veio.

Ele já não esperava que o mar dissesse alguma coisa.

Pela primeira vez naquele dia, isso lhe pareceu suficiente.

XII

O Monólogo do Fim e o Espelho do Nada

A sala estava quase vazia.

Restavam duas cadeiras, uma mesa pequena e algumas caixas abertas junto à parede.

O homem caminhava de um lado para outro.

Não havia pressa.

Também não havia exatamente o que fazer.

A mudança terminaria naquela tarde.

O apartamento seria entregue no dia seguinte.

Durante anos, aquela sala estivera cheia.

Móveis.

Livros.

Fotografias.

Ruídos.

Vozes.

Portas abrindo.

Portas fechando.

Agora restavam apenas marcas claras nas paredes onde os quadros haviam ficado.

Ele passou a mão por uma delas.

Havia um retângulo mais claro.

Ficou olhando.

— Aqui estava...

Não terminou.

Não lembrava se precisava dizer o que estivera ali.

A palavra morreu antes de aparecer.

Foi até a janela.

A rua continuava funcionando.

Um carro passou.

Depois outro.

Uma pessoa atravessou a calçada carregando uma sacola.

Alguém fechou uma porta no prédio vizinho.

Tudo continuava.

Ele voltou para o centro da sala.

Sentou-se.

Uma das duas cadeiras estava virada para a parede.

A outra, para a janela.

Escolheu a primeira.

Ficou alguns minutos.

Depois se levantou.

Abriu uma caixa.

Dentro havia objetos pequenos.

Uma chave antiga.

Uma caneta.

Um relógio parado.

Algumas fotografias.

Um envelope.

Ele pegou o relógio.

— Você parou.

Olhou para os ponteiros.

Não sabia quando.

Colocou-o de volta.

Pegou uma fotografia.

Duas pessoas.

Depois três.

Uma criança.

Ele reconheceu todos.

Ou quase todos.

Virou a fotografia.

Nada escrito.

— Faz tanto tempo.

A frase ficou no ar.

Ele esperou alguma lembrança completar a frase.

Não completou.

Guardou a fotografia.

Pegou outra.

Depois outra.

Até que percebeu que estava procurando alguma coisa.

Não sabia o quê.

Talvez uma prova.

Uma confirmação de que aquela vida realmente havia acontecido.

Colocou as fotografias sobre a mesa.

Uma ao lado da outra.

Pareciam pequenas demais.

Ele olhou para elas.

Depois para a sala.

A sala parecia maior sem os móveis.

Talvez não fosse maior.

Era apenas possível vê-la inteira.

Ele se levantou.

Abriu a última janela.

O ar entrou.

Não estava frio.

Não estava quente.

Era apenas ar.

Ele ficou parado.

Durante muito tempo, havia imaginado que o fim de uma coisa seria acompanhado por alguma espécie de sinal.

Uma tristeza definida.

Uma compreensão.

Uma frase.

Alguma coisa que dissesse:

agora terminou.

Nada aconteceu.

A sala continuava ali.

Ele também.

Olhou para o relógio parado sobre a mesa.

Pegou o celular.

A tela mostrava a hora.

O relógio antigo não.

Pensou em consertá-lo.

Depois não viu motivo.

Colocou-o novamente na caixa.

Fechou.

Sentou-se no chão.

A parede diante dele tinha pequenas marcas.

Furos.

Riscos.

Uma mancha perto do rodapé.

Pensou que outra pessoa ocuparia aquela sala.

Colocaria seus próprios móveis.

Seus próprios quadros.

Faria novos furos.

Talvez nunca soubesse que aquelas marcas tinham pertencido a ele.

A ideia não o entristeceu.

Também não o consolou.

Era apenas verdade.

Ele fechou os olhos.

Primeiro vieram as lembranças.

Uma voz.

Uma porta.

Um cheiro.

Uma manhã.

Uma discussão.

Uma risada.

Um rosto.

Depois vieram outras.

Tentou acompanhá-las.

Não conseguiu.

Elas apareciam sem pedir licença e desapareciam antes de serem compreendidas.

Abriu os olhos.

A sala estava igual.

Pensou no futuro.

Amanhã.

Depois de amanhã.

A semana seguinte.

O apartamento estaria vazio.

Depois deixaria de ser seu.

Haveria documentos.

Assinaturas.

Chaves.

Talvez alguém pintasse as paredes.

Ele percebeu que ainda estava tentando transformar aquilo em narrativa.

Começo.

Meio.

Fim.

Era um hábito.

A vida tinha acontecido em acontecimentos.

Ele queria que o silêncio produzisse uma conclusão.

Não produziu.

Levantou-se.

Foi até a última caixa.

Havia um caderno.

Abriu.

Páginas escritas à mão.

Algumas frases.

Datas.

Anotações.

Uma letra mais jovem.

Ele reconheceu a própria caligrafia.

Leu uma página.

Não entendeu por que aquilo havia parecido tão importante.

Virou.

Outra página.

Depois outra.

Fechou o caderno.

Não havia mais nada a procurar.

Colocou-o na caixa.

Ficou em pé.

A sala estava agora quase completamente vazia.

Restava uma cadeira.

A mesa.

A caixa.

E ele.

Pegou a cadeira.

Pensou em levá-la.

Não levou.

Deixou-a onde estava.

Pegou a caixa.

Caminhou até a porta.

Parou.

Olhou para trás.

A sala parecia não saber que ele estava indo embora.

Isso o atingiu de uma maneira estranha.

Não havia despedida.

Nenhuma coisa ali precisava dele.

A parede não sentia sua falta.

O chão não guardava sua passagem.

A janela não sabia seu nome.

Ele percebeu que talvez tivesse passado a vida inteira tentando deixar alguma coisa de si nas coisas.

Uma fotografia.

Uma frase.

Um objeto.

Uma marca.

Uma decisão.

Uma memória.

Mas agora a sala estava quase vazia.

E continuava sendo uma sala.

Ele deixou a caixa no chão.

Voltou para dentro.

Sentou-se na cadeira.

Ficou olhando para o espaço diante de si.

Não havia mais lembranças.

Ou havia, mas não importavam.

Não havia futuro.

Ou havia, mas ainda não existia.

Não havia ninguém para falar.

Ele percebeu a própria respiração.

Entrava.

Saía.

Entrava.

Saía.

Por um instante, isso pareceu ser tudo.

Nenhuma explicação.

Nenhum sentido escondido.

Nenhuma resposta esperando.

Apenas a presença de um corpo numa sala vazia.

Ele não tentou pensar.

Não tentou entender.

Não tentou se consolar.

Ficou.

O silêncio aumentou.

Não como um som que cresce.

Como uma coisa que deixa de encontrar resistência.

Ele olhou para as paredes.

Depois para a janela.

Depois para as próprias mãos.

E, pela primeira vez, não procurou nada nelas.

Nem passado.

Nem futuro.

Nem explicação.

Nada.

A sala estava vazia.

Ele também.

Mas não havia falta.

Não havia plenitude.

Não havia sequer uma pergunta.

Havia apenas aquele instante.

E, quando finalmente se levantou, não disse adeus.

Fechou a porta.

A chave girou uma vez.

Depois outra.

Ele caminhou pelo corredor.

Atrás dele, a sala permaneceu vazia.

Sem guardar nada.

Sem esquecer nada.

Sem dizer nada.

Epílogo

Depois da última proposição, não havia outra.

Durante muito tempo, ele havia acreditado que sempre existia uma frase capaz de fechar as coisas. Uma explicação melhor. Uma palavra mais precisa. Um argumento que, colocado no lugar certo, impedisse que alguma coisa permanecesse aberta.

Não havia.

As palavras tinham feito o que podiam.

Tinham nomeado.

Tinham explicado.

Tinham prometido.

Tinham defendido.

Tinham consolado.

Tinham mentido.

Tinham organizado o mundo em frases suficientemente ordenadas para que fosse possível continuar vivendo dentro delas.

Mas havia sempre alguma coisa que permanecia do lado de fora.

Uma mão que se fechava quase imperceptivelmente.

Uma peça quebrada sobre uma bancada.

Uma praça vazia.

Um elevador parado.

Uma mulher esperando.

Uma onda.

Uma sala.

Um homem respirando.

Não eram símbolos.

Talvez esse tivesse sido o erro.

Nem tudo estava ali para significar alguma coisa.

Algumas coisas apenas aconteciam.

A cerca permanecia de pé.

O motor funcionava.

O mar avançava e recuava.

A sala ficava vazia.

E a vida, que durante tanto tempo parecera exigir explicações, continuava sem apresentar nenhuma.

Depois da última proposição, restava o que não podia ser dito.

Não como mistério.

Não como revelação.

Apenas como aquilo que permanece quando a linguagem já não consegue avançar.

O silêncio não respondeu.

Também não precisava.

Havia um mundo do lado de fora.

O vento.

A poeira.

A água.

Uma janela aberta.

Um corpo sentado.

Alguém caminhando sem saber exatamente para onde.

Nada disso precisava de uma conclusão.

Talvez viver fosse, em parte, aprender a suportar essa ausência.

Não saber.

Não completar.

Não acrescentar.

Não transformar toda coisa em argumento.

O homem ficou parado por alguns segundos.

Depois caminhou.

Não havia uma última frase esperando por ele.

E foi justamente por isso que continuou.

Nota do Autor

Este livro nasceu de uma desconfiança.

A desconfiança de que, muitas vezes, falamos não para dizer alguma coisa, mas para impedir que alguma coisa seja percebida.

Há palavras que esclarecem. Outras escondem. Algumas organizam o mundo; outras apenas nos protegem dele.

Os doze contos partiram dessa tensão.

Em cada um deles, uma forma de linguagem encontra alguma coisa que não consegue dominar: o silêncio de um velho, o corpo de um filho, uma peça quebrada, uma praça vazia, uma pane, a dor de uma desconhecida, uma floresta, uma criança, o fogo, uma pedra, o mar, uma sala vazia.

Não me interessava ridicularizar a linguagem. Ao contrário. Ela é indispensável. É por meio dela que pensamos, transmitimos conhecimento, construímos relações e inventamos mundos.

Mas ela também pode se transformar em abrigo.

O médico pode falar quando não sabe.

O técnico pode explicar quando deveria olhar.

O político pode prometer quando não há ninguém ouvindo.

O tagarela pode falar para não perceber o silêncio.

A cortesia pode substituir a compaixão.

A teoria pode impedir o encontro com aquilo que está diante dos olhos.

O livro nasceu desse atrito.

Por isso, os personagens falam muito em alguns contos e quase nada em outros. Por isso, há repetições, interrupções, frases incompletas e silêncios. Não são apenas recursos de estilo. São parte daquilo que está sendo investigado.

Interessa-me o instante em que uma frase deixa de funcionar.

O momento em que alguém percebe que não sabe.

A pequena falha que não pode mais ser encoberta.

O silêncio que, em vez de significar ausência, passa a ser presença.

Não procurei construir personagens exemplares, nem oferecer respostas. Tampouco quis transformar situações ordinárias em alegorias.

Uma cerca é uma cerca.

Uma peça quebrada é uma peça quebrada.

O mar não explica nada.

Uma sala vazia não guarda memória por nós.

Se alguma coisa se aproxima de uma filosofia nestas páginas, ela talvez esteja justamente na recusa de transformar tudo em filosofia.

Há coisas que acontecem.

Há coisas que permanecem sem explicação.

E há um ponto em que a linguagem precisa parar.

Este livro começa a partir daí.

Atrás da última proposição.

fim

Por algum tempo, nenhum deles falou. Depois o homem percebeu que já não sabia se estava esperando alguma coisa.
E, pela primeira vez naquela tarde, isso não lhe pareceu um problema.

PAULITO DAGEN ROER

Atrás da última proposição

FUNDAMENTO